

Mais Belo, Maior e Mais Sublime no Mundo

I

– Seu Roberto, eu acho que o senhor vai querer responder essa aqui pessoalmente – disse João Carlos, mostrando uma carta ao patrão.

Roberto Antunes girou ligeiramente o rosto e viu a carta com o canto do olho, tentando não perder a atenção do que fazia. Contratara dois assessores para ajudar a responder todas as cartas, mas fazia questão de responder algumas pessoalmente, as que ele julgasse mais importantes. João Carlos sabia disso. O que aquela em particular teria de tão importante que fez João Carlos interromper seu trabalho?

– Por quê? – Quis saber Roberto.

– Não sei explicar bem – respondeu com ar de insegurança –, deve ser melhor o senhor mesmo ler. Eu acho que o senhor vai achar bem o seu tipo de carta.

Ofereceu o envelope mais uma vez. Após um exame de alguns segundos, Roberto tomou a carta das mãos do assessor. Não era de uma criança, notava-se pelo envelope. O nome do remetente era Josefa dos Santos, morava em Maceió. Retirou os papéis do envelope e leu o conteúdo.

Ao senhor Roberto Antunes,

Olá, senhor Roberto. Eu achava que o senhor não tinha tempo para gastar com mensagens de qualquer um, mas as enfermeiras me disseram que se eu quisesse escrever alguma coisa, o senhor ia gostar. Então eu escrevi e pedi pra meu tio, que sabe escrever bem, olhar se tudo estava certinho.

Mesmo que digam que o senhor gosta dessas mensagens, eu vou resumir tudo pra o senhor não perder muito tempo comigo.

Senhor, primeiro eu quero agradecer por tudo. Se não fosse pela ajuda que o senhor dá a tanta gente, eu inclusive, eu não teria sido medicada direito e talvez perdesse a visão daqui a um tempo. Então eu agradeço muito ao senhor, muito mesmo. Eu não sou muito boa com as palavras, mas saiba que eu nunca vou esquecer o que o senhor fez por mim e faz por tantas pessoas daqui.

Mas tem uma coisa que eu queria perguntar ao senhor. O senhor é um homem bom, eu sei que é. Eu acho que o senhor é o melhor homem do mundo, se não fosse eu ficaria cega. Mas algumas pessoas falam mal do senhor. Dizem que o senhor também é mal. Que o senhor ajuda muita gente, mas que atrapalha muita gente também.

Um homem me contou que falou com um ex-amigo do senhor, o nome dele é Jorge, mas não sei o resto do nome. Esse Jorge diz que o senhor e ele eram amigos, mas que um dia o senhor podia ajudar ele sem precisar nem gastar dinheiro, mas que o senhor resolveu que ia atrapalhar a vida dele em vez de ajudar. Ele disse que, depois disso, vocês deixaram de serem amigos e que ele não conseguiu mais se acertar na vida.

É verdade mesmo isso? Eu acho que é mentira, mas muita gente de respeito diz que é verdade. Se for verdade, eu não consigo entender como uma pessoa tão boa pode também ser má. Eu fiquei com medo de perguntar, mas as enfermeiras disseram que tudo bem, então eu estou perguntando.

Por favor, senhor, não se zangue comigo. Se as enfermeiras, que conhecem o senhor, não tivessem me dito que o senhor gosta de receber todas as mensagens, mesmo perguntas assim, eu não faria isso. Por favor, não fique zangado comigo.
Obrigado por tudo.

Josefa dos Santos

Um meio sorriso transpareceu nos lábios de Roberto Antunes. Não passou despercebido pelo assessor.

– Tem razão, João, eu quero responder esta aqui pessoalmente – comentou Roberto após passar os olhos pelas linhas tortas da garota. – Sabe qual a idade da Josefa?

– Sim, senhor – respondeu –, ela tem 14 anos.

Roberto já recebera algumas poucas cartas questionando-o dessa maneira, mas sempre eram escritas em um tom completamente diferente. Pelas linhas que acabara de ler, a dúvida de Josefa era diferente dos demais em um ponto crucial: ela realmente queria uma resposta. Geralmente, quando perguntavam esse tipo de coisa a Roberto, os inquiridores não queriam realmente saber, desejavam apenas confirmar seus preconceitos.

Roberto pegou os papéis que estavam sobre sua mesa e os entregou a João Carlos, pedindo que o assessor estudasse-os enquanto ele fazia uma resposta à questão que Josefa dos Santos tanto deseja ver respondida.

Pegou uma folha em branco e começou a escrever. Não tardou a relembrar vivamente aquela tarde, sete anos antes, em seu escritório no centro de Maceió.

II

Roberto ouviu as batidas na porta e autorizou a entrada. Para sua surpresa, era Jorge Gomes quem batia. Não que Roberto estivesse realmente surpreso com essa visita. Mais cedo ou mais tarde, sabia, ele viria. Pensava, contudo, que seria mais tarde.

– Roberto, tem um minuto? – Jorge entrou cabisbaixo, olhava para Roberto, sentado à mesa, com um misterioso misto de vergonha e irritação. – Se precisar, eu volto outra hora.

Roberto fez um gesto com a mão indicando que o visitante deveria sentar. Jorge obedeceu, sem que seu semblante se alterasse de qualquer maneira ao saber que seria atendido imediatamente.

Levou alguns poucos minutos para que Roberto assinasse e carimbasse algumas dezenas de papéis sobre sua mesa. Assim que acabou, colocou os papéis de lado, sob um pequeno peso, o qual evitaria que o vento levasse algo embora, e olhou Jorge nos olhos.

– Então, Jorge, o que você quer? – Perguntou num tom neutro, mas as palavras causaram um efeito visível de desgosto em Jorge.

– Bem – iniciou o visitante –, eu sei que você não tem tempo de sobra, Roberto, então vou falar rápido. O caso é o seguinte, aconteceu algum erro com seu recado a caminho do Itaú. Não sei o que houve, mas eles receberam uma mensagem assinada por você que diz que eu não sou avaliável. Deve ser algum engano, mas eu fiquei um pouco apreensivo, sabe? Você pode ver o que houve, por favor? Preciso muito da sua ajuda.

Roberto ouviu tudo com atenção. Continuou encarando o visitante por um minuto após ele calar-se. A expressão de Roberto era tão neutra quanto sua voz. Finalmente falou.

– Com certeza houve um engano, Jorge. Eu não sei como isso aconteceu, mas eu não diria que você é uma pessoa não avaliável. Eu te conheço há tantos anos, conheço seu jeito e sua honestidade e capacidade... – Apertou um botão e entrou uma moça de uns 30 anos na sala, a quem Roberto agora se dirigia. – Por favor, Cláudia, me veja um formulário rubricado para eu mandar ao Banco Itaú, sim? Jorge precisa disso o quanto antes, então eu prefiro fazer pessoalmente.

– Sim, senhor, um minuto – disse a moça antes de sair da sala.

– Não vai demorar muito, Jorge – disse Roberto, passando os olhos ligeiramente para observar as feições do amigo, agora mais misteriosas que antes.

Jorge murmurou um agradecimento que quase não foi ouvido por Roberto. Cláudia retornou com um papel timbrado em mãos e entregou ao chefe. Sem perder tempo, Roberto ajustou a configuração de sua máquina de escrever para inserir o papel que acabara de receber. Pôs-se a datilografar com sua destreza habitual, só tirando os olhos do papel uma vez para verificar algo na máquina e, uma outra, para observar ligeiramente as feições do visitante – Jorge parecia não se acalmar por nada no mundo.

– Sabe, Roberto – começou Jorge, enquanto o amigo datilograva –, você sabe que eu tenho mais da metade do dinheiro que eu preciso, não é? Você não tem de me dar nem mesmo um cruzeiro. Apenas sua palavra me avaliando como uma pessoa solvente e de baixo risco já é o suficiente pra que eles me façam o empréstimo do restante que falta pela taxa de juros que eu preciso.

– Eu sei – foi toda a resposta que Roberto deu, sem olhar para Jorge. Ao terminar de preencher o documento na máquina, falou enquanto retirava a folha para conferir e assinar. – Não se preocupe. Todos lá me conhecem muito bem. Uma palavra minha é o suficiente pra mudar seu destino, Jorge.

Pela primeira vez, Jorge sorriu.

– Obrigado. – Disse. – Sabe, quem ia imaginar que você seria uma pessoa tão importante, né? O poder que você tem hoje é tão grande que só com uma palavra consegue fazer o que eu não consigo com todo o meu patrimônio. – Parou e gargalhou ao perceber o que havia falado. – É sério! Quem ia imaginar que o Roberto, que estudou comigo quase o ginásio inteiro, ia ser um cara tão importante?

– Ninguém imaginava – concordou Roberto, ainda sem olhar para o visitante, prestando atenção ao que escrevera no papel. – Nem eu imaginava. Mas hoje eu posso fazer tantas coisas que eu sempre sonhei. Posso recompensar os amigos e punir os inimigos. A sensação é maravilhosa.

Roberto assinou o documento e o dobrou.

– Aqui está – disse entregando o papel a Jorge. – A palavra que tem o poder de mudar seu destino.

Jorge pegou o papel, mas ficou pensativo por um momento. Algo estava diferente. O tom de voz de Roberto, o tempo inteiro neutro, agora mudara. Que aconteceu? Que voz era aquela? Um arrepio correu a espinha de Jorge. Abriu o documento dobrado com a sensação de que não tinha onde se segurar. Pensou que iria urrar quando leu o conteúdo, mas se conteve a um alto custo.

– O que é isso? – Estas foram as palavras que conseguiu emitir. Queria dizer muito mais. Queria esmurrar aquele rostinho bonito de cabelo impecável do outro lado da mesa enquanto perguntava o que diabos Roberto tinha na cabeça. Que tipo de brincadeira de mal gosto era aquela. Queria proferir maldições contra ele e todos a quem ele amava. Não fez nada disso. Fechou a boca e conteve dentro de si o alucinante desejo de fazer um escândalo. Mesmo em sua ira, sabia que não ganharia nada sendo grosseiro. Este vestígio de racionalidade em meio à ira angustiada lhe segurou a língua.

Roberto contemplou o semblante de Jorge por um instante. Estava lá o que ele procurava. A amargura, o ódio, a raiva, o desejo de cometer atos indizíveis. Exatamente o que ele esperava ver.

– Esta é a minha palavra, ora essa – disse, por fim. – É o que tenho a dizer ao gerente do Itaú sobre você.

Jorge permaneceu mudo. Seu rosto transparecia completamente as emoções que lhe consumiam. Mais profundo que a ira, estava o medo e o desespero. Jorge sabia que estava acabado.

– Por quê? – Perguntou Jorge, com toda a calma que conseguiu reunir. Olhou o papel e releu “... asseguro que qualquer um que avaliar o crédito do senhor Jorge Gomes positivamente deve entender que são altas as chances de incorrer em prejuízos por inadimplência...”.

Uma lágrima solitária correu pelo rosto de Jorge. Era exatamente o que Roberto esperava ansiosamente ver: lágrimas honestas vindas do homem a sua frente. Em todos esses anos, Roberto ouviu clamores falsos e lágrimas forjadas. Aquela era a primeira vez que o via chorar de fato. Reconheceu que alcançara seu objetivo.

– Porque é isso que você merece, Jorge – disse Roberto, após um longo momento de contemplação. – Você merece zero confiança. Ao contrário de você, eu tenho uma reputação a zelar, e não vou manchá-la mentindo aos meus conhecidos.

O medo agora se aprofundava no semblante de Jorge. O desespero lhe abraçava forte. Não pensava mais em entender. Tentou apenas implorar misericórdia.

– Por favor, Roberto – a voz mal saía da boca, pois a garganta estava presa pelas lágrimas e soluços efusivos. – Por favor, eu preciso de você. O que eu preciso fazer? Diga o que eu preciso fazer. Por favor.

– Você precisa ser um homem! – O tom de Roberto tornou-se tão firme que o outro homem o olhou fixamente. – Você trabalha, Jorge, sempre trabalhou. Sempre foi esforçado e inteligente. A preguiça nunca foi um defeito seu. Mas você mente quando acha vantajoso. Você me enganou pela primeira vez quando eu tinha 15 anos. Será que você se lembra disso? Talvez tenha sido algo tão normal pra você que nem lembra mais. Você me convenceu que a Jaqueline tinha feito coisas que eu não aceitava. Você sabia que eu ia perder o gosto por ela, só pra depois se aproveitar da situação. Foi uma coisa simples pra você? Você ainda lembra? Eu aprendi que você não merecia confiança. Desde aquele dia, eu entendi que você, o meu amigo pra quem eu confiava tantos segredos, não era diferente de qualquer outro. Eu aprendi que você trairia minha confiança se fosse conveniente. Trairia a confiança de um amigo, como alguém poderia confiar em uma pessoa como você?

Jorge olhou tudo aquilo perplexo.

– É por isso?! – Não consegui conter o grito. Levantou-se e passou a falar aos berros. – É por isso que você quer acabar com a minha vida?! Porque eu roubei a sua paquera mais de 20 anos atrás? Eu era uma criança burra, porra! Só isso. Você não pode me perdoar por uma coisa que um jovem burro da porra fez? Eu não sou mais aquele moleque burro, Roberto. Não faça isso comigo, por favor!

– Sente-se e fale baixo, senão eu jogo você na rua como se fosse um saco de lixo – A voz firme e o olhar inabalável de Roberto trouxeram Jorge de volta à razão. Não havia dúvidas de que Roberto faria exatamente o que dissera. Conteve-se e sentou novamente, comportado.

– Eu não estou fazendo isso baseado em uma traição de um adolescente burro – começou. – Eu apenas soube quem você era naquele dia. Dali em diante eu comecei a observar com mais atenção. Não apenas você, mas todos ao meu redor. Quase todas as pessoas mentiam para conseguir algo que desejavam. Não mentiam apenas pra

estranhos, mas pra seus conhecidos mais íntimos. Você foi o primeiro que eu percebi ter me enganado, mas não foi o único. Muitos traíram minha confiança, ou tentaram, e eu joguei todos aos leões. São pouquíssimos os que pagaram minha confiança com lealdade. Só a estes eu retribuí com confiança em abundância.

Roberto pegou um envelope em uma gaveta de sua mesa e o jogou para Jorge. Este não conseguiu agarrar o envelope a tempo e o viu cair no chão. Roberto continuou sua narrativa.

– Essa é a carta que você me mandou tentando me fazer desistir de um emprego no mesmo Itaú em que você hoje quer tirar um empréstimo. Lembra disso? Eu tinha 22 anos na época. Você sabia que a melhor vaga seria minha, mas você queria a vaga. Se eu não aparecesse, suas chances de conseguir seriam altas, mas comigo no páreo era quase zero chance. Você mentiu muito bem. Eu teria acreditado se não conhecesse você há tanto tempo. Felizmente, eu já conhecia você muito bem.

– Por favor...

– Cale a boca! – Trovejou Roberto. – Você vai me pedir perdão de novo? Quer que eu perdoe suas mentiras passadas? Eu podia falar aqui de cada uma das vezes que você tentou me enganar depois disso, mas pra que perder meu tempo? Você sabe o que fez e eu também sei. Ainda hoje você tenta me enganar, do mesmo jeito que engana tanta gente por aí. Você inventa desculpas pra justificar o que faz, e deve conseguir enganar a si mesmo, mas a mim não engana. Você não é um homem maduro, é o mesmo moleque burro que roubou minha paquera, e o mesmo filho da puta que tentou me fazer perder um trabalho excelente. Se eu virasse as costas e te desse a chance de me roubar hoje, você roubaria. Se tivesse que me prejudicar pra ter o que quer, você faria.

– Misericórdia! – Jorge gritou, arriscando ser jogado para fora do prédio como um saco de lixo. – Tenha misericórdia, por favor. Eu mudo. Eu vou ser o que você quer que eu seja.

Roberto o olhou com atenção. Não se irritou com os gritos exasperados do outro. Apenas observou. Então falou calmamente.

– Perdão eu posso te dar – disse, por fim. – Posso perdoar você mesmo sem você merecer. Se você me mostrar que está arrependido, eu posso perdoar você. Cale a boca – disse ao notar que Jorge começaria a falar, provavelmente para agradecer a bondade de Roberto. – O problema, e é aqui que você vai sofrer, é que confiança não nasce a partir do perdão, sabe? E talvez eu nunca consiga confiar em você, mesmo depois de te perdoar. Sem confiar em você, eu não avaliaria positivamente o seu empréstimo. Eu posso te perdoar e não fazer nada de mal a você, mas não me peça pra te dar um voto de confiança. Você não merece, e não vai ter. Eu não vou indicar que alguém te dê dinheiro quando eu não confio que você será homem suficiente para honrar seu compromisso. Sei que, se puder, você fará as coisas do seu jeito.

O rosto de Jorge mudou. Pela primeira vez, o ódio e a ira superaram o desespero. Sua voz também estava diferente quando falou.

– Você pensa que vai acabar com a minha vida e vai ficar assim? Você não sabe o inimigo que você tá criando, Roberto. Você se acha o poderoso. Você não sabe o que eu sou capaz de fazer com você. Você não sabe o que um homem desesperado é capaz de fazer. Se você acabar com a minha vida, eu vou acabar com a sua.

Roberto apontou a pistola para o visitante.

– Se isso for uma ameaça de morte, fique sabendo que você vai sair daqui morto. É isso que você quer?

O brilho da pistola prateada transformou o semblante de Jorge mais uma vez. Novamente o medo dominou.

– Desculpa. – Começou ele. – Eu tô desesperado, cara. Roberto, me ajuda. Não faz isso comigo.

Ainda apontando a pistola para o visitante, Roberto pôs fim ao caso.

– Sua vida não acabou. Você tem um bom patrimônio, só não vai poder abrir a firma que queria. Você e sua família não vão passar necessidade nenhuma. Seu choro é um exagero e, como sempre, é falso. Mas eu falei sério quando eu disse que perdoarei você se você se arrepender, Jorge. E prova disso é que eu não vou comunicar a ninguém as suas fraudes fiscais se você me mostrar que está tentando mudar. Agora vá embora daqui.

Jorge ouviu aquelas palavras e soube que não havia o que fazer, conhecia a integridade e determinação do homem a sua frente, mais firmes que granito. Levantou e seguiu em direção à saída. Antes de sair, contudo, ousou falar novamente.

– Sabe, Roberto. Você chegou até aqui fazendo amigos. Se começar a fazer inimigos assim só porque acha que é grande o suficiente, vai acabar perdendo tudo o que conquistou.

Um sorriso leve surgiu nos lábios de Roberto Antunes.

– E por que você acha que eu quis crescer tanto assim? Mas fique sossegado. Eu não vou cair tão fácil. Tenho poucos em quem confiar, mas sei quem são. E, o principal, eu sei em quem eu não posso confiar. Eu vigio todos. Se você tentar me prejudicar, eu prometo que vou agir primeiro. Boa tarde, Jorge. Agora vá embora.

III

– Josefa, ele respondeu sua pergunta? – Perguntou sua mãe ao ver que a menina lia uma carta com o pomposo timbre azul e branco da Antunes. Josefa respondeu com um gesto afirmativo da cabeça e voltou à carta. – Olha aí. Bem que as meninas do hospital disseram que ele não ia se zangar.

– É – concordou Josefa, sem tirar os olhos do papel.

Sua mãe pegou o balde de água que tinha deixado ao lado da portar e foi para a cozinha, não sem antes lembrar a menina de lavar os pratos quando terminasse de ler, e que era bom ler rápido. Afinal, teria todo o resto do dia para reler quantas vezes quisesse aquela carta.

Agora sozinha, Josefa deixou de lado o que sua mãe dissera e começou a ler do princípio:

Querida Josefa,

Como vão seus olhos, minha amiga? Espero que esteja tudo bem.

Sobre sua pergunta, não precisa temer nada. Eu nunca penso mal de alguém por ser honesta e sincera. Você tem uma dúvida e gostaria de tirar essa dúvida comigo. Eu vou responder sua pergunta.

Você quer saber como um homem pode ser bom e mal ao mesmo tempo.

A resposta é que sua pergunta está mal feita, eu vou ajudar a refazê-la.

Entenda que bom e mal são adjetivos muito difíceis de se definir. Como podemos saber se alguém é bom? Como podemos saber se alguém é mal? Na verdade, quando alguém é bom para uma pessoa, estará sendo mal para outra. Tudo isso é relativo demais.

É por isso que eu sou mal para Jorge Gomes e bom para você.

Acho, portanto, que sua pergunta ficará melhor se fizer desta forma “Por que o senhor é bom com algumas pessoas e mal com outras?”, ou

talvez desta outra forma “Como o senhor escolhe com quem ser bom e com quem ser mal?”.

Eu vou responder esta nova pergunta. Eu sou bom com quem merece que eu seja bom e sou mal com quem merece que eu seja mal. Só que esta resposta acaba gerando mais uma pergunta: como eu sei quem merece?

Entenda que cada pessoa verá o mundo de forma diferente, então o que vou falar aqui é a minha forma de ver o mundo. Minha forma se baseia na gratidão, também podendo ser chamada de reciprocidade. Assim, minha cara, àqueles que me fazem coisas boas eu faço a eles coisas boas. Como eu disse antes, nem todas as pessoas veem o mundo dessa forma. Há muita gente que acredita que devemos fazer coisas boas para todo mundo, inclusive para quem nos faz mal. Elas podem até terem razão, mas não é assim que eu vivo. Eu dou a cada um segundo o seu próprio merecimento.

Jorge Gomes me fez mal e, se eu deixasse, ele continuaria me fazendo mal. Este é o tipo de pessoa que ele é, um mentiroso desonesto que não se importa com o que tem de fazer para alcançar o que quer alcançar. Ele já foi meu amigo, eu já confiei nele, mas ele sempre me traiu.

Não é possível te contar toda a história entre Jorge Gomes e eu, então vou falar de uma história completamente diferente: a nossa.

Você, minha cara Josefa, que nunca sequer me viu pessoalmente. Você que só falou comigo por meio de uma carta. Você não tem como saber o bem que me faz. É provável que, ao ler isso, você se pergunte “Como pode ser que eu faça bem a Roberto Antunes? Ele tem tudo o que quer, nunca precisou de mim para nada”. A verdade é bem o oposto.

O que mais me traz satisfação nesta vida é recompensar e punir. Você é alguém que vive segundo os meus conceitos de bom. Eu pesquiso a respeito de todo mundo que eu ajudo, por menor que seja essa pesquisa. Isso me traz satisfação. Também gosto muito de receber cartas de todas essas pessoas, e responder a todas.

Você, Josefa, é alguém que tem grandes sonhos, que se esforça, que vai atrás do que quer, sem se esquecer das pessoas que te ajudam, sempre sendo grata. Suas notas no colégio não são as melhores, mas fica claro que você faz o melhor que pode até mesmo nas matérias que não gosta. Você se dedica no seu trabalho também, eu soube. São pessoas como você que fazem desta vida digna de ser vivida. E tenho certeza de que isso é só o começo. Com o tempo, você irá muito além. Mesmo que nunca seja rica, terá tudo o que seu coração deseja. Você é uma jóia rara em meio a um monte de pedras falsas. A última coisa que desejo é ver o brilho de uma dessas jóias se perder. Isso dá alegria a mim.

Sabe, eu não preciso de toda a minha fortuna. Nunca precisei. Se eu quisesse, menos de 1% do meu patrimônio seria o suficiente para viver com todo o conforto, eu e minha família inteira. A única coisa que me motivou a trabalhar e crescer até ser tão grande é poder recompensar os bons e castigar os maus. Fazer com que exista ao menos alguma justiça neste mundo.

As pessoas precisam ser confiáveis. A confiança é a coisa mais importante que pode existir entre pessoas. É a cola que liga todos nós. Se aceitarmos que algumas pessoas comecem a danificar essa coisa maravilhosa que é a confiança, todos vamos pagar caro.

No fim, acho que minha resposta, simplificada ao extremo, é: você, Josefa, recebe o bem de mim porque merece o bem; o Jorge recebe o mal porque merece o mal.

Peço, minha amiga, que guarde esta carta por muitos anos. Hoje, tão jovem como é, você talvez não entenda bem o que escrevi aqui. Com o tempo e a experiência, você compreenderá tudo. Releia esta mensagem uma vez por ano, digamos, e em um ano qualquer você perceberá que entendeu muito mais do que entendera da primeira vez que leu.

Um grande abraço.

Roberto da Silva Antunes

Maceió, 06 de agosto de 1998

Josefa realmente achou que não tinha entendido direito o que lera. Ficou na dúvida sobre o que significava aquilo. Em sua mente, conseguiu entender algumas coisas, mas achava que não era o suficiente.

Dobrou a carta e colocou de volta apressadamente no envelope. Correu para cumprir suas tarefas antes que sua mãe cobrasse novamente. Foi apenas à noite, quando já pensava em dormir, que se deu conta de quão mal guardou a carta no envelope e tratou de arrumar a bagunça que fez para poder guardá-la em um local seguro. No processo, percebeu algo diferente. Uma simples folha pequena estava dobrada dentro do envelope, bem ao fundo. Sendo um envelope branco tão grande – a carta que Roberto Antunes escrevera sequer veio dobrada –, Josefa nem percebeu aquela pequena folha dobrada ao fundo.

A folha fora arrancada de um livro pequeno. Não havia qualquer menção à obra original, apenas o texto em si. Só alguns anos depois Josefa veio a descobrir tratar-se de um livro clássico chamado O Conde de Monte-Cristo. Era possível saber que a folha tratava de um diálogo, já que tinha travessões no início de quase todos os parágrafos. Um deles estava marcado.

– Também eu, como acontece a qualquer homem uma vez na vida, fui levado por Satanás para a mais alta montanha da Terra. Chegado lá, ele mostrou-me o mundo inteiro e, como dissera uma vez a Cristo, disse-me a mim “Vejam, filho dos homens, que queres para me adorar?”. Refleti longamente, porque havia muito tempo uma terrível ambição me devorava o coração. Depois respondi “Escuta, sempre ouvi falar da Providência, e no entanto nunca a vi, nem nada que se lhe parecesse, o que me leva a crer que não existe. Quero ser a providência, porque o que conheço de mais belo, de maior e de mais sublime no mundo é recompensar e punir”. Mas Satanás baixou a cabeça e suspirou: “Enganas-te”, disse, “a Providência existe. Somente não a vês porque, filha de Deus, é invisível como o seu pai. Nunca viste nada que se lhe assemelhasse, porque ela utiliza meios ocultos e caminha por vias indefinidas. Tudo o que posso fazer por ti é tornar-te um dos agentes dessa Providência”. Fechou-se o negócio. Talvez perca nele a minha alma, mas não importa – declarou Monte-Cristo. – E se tivesse de fazer novamente o negócio, o faria.

FIM